

DANIEL MACCARINI VIEIRA

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.**

**Trabalho apresentado à Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito para a conclusão do
Curso de Graduação em Medicina.**

**Florianópolis
Universidade Federal de Santa Catarina**

2011

DANIEL MACCARINI VIEIRA

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.**

**Trabalho apresentado à Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito para a conclusão do
Curso de Graduação em Medicina.**

Presidente do Colegiado: Prof. Dr. Carlos Eduardo Pinheiro

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Florianópolis

Universidade Federal de Santa Catarina

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Rodrigo, pelo tempo dedicado na elaboração deste trabalho e pelas conversas que me proporcionaram grande acúmulo de conhecimento sempre de forma descontraída e informal.

Aos meus pais, Luiz e Dulce, pelas noites mal dormidas, por acreditarem nos meus sonhos, por me ensinarem a ser uma pessoa de bem e pelos conselhos que embora parecessem não captados, de alguma forma, somaram para a formação de tudo aquilo que sou hoje.

Ao meu irmão, Leandro, pela amizade, bons momentos e ajuda no desbravamento do difícil mundo da informática.

As minhas tias, Darci, Dilma e Izabel, pelo incentivo e por terem acreditado que um dia chegaríamos ao nosso objetivo.

Aos meus grandes amigos, Fernando Santiago, Fernando Lupselo, Fabrício, Mark, Ricardo Berbigier e Vicente, por todos os momentos de alegria que sem dúvida permanecerão guardados na memória para sempre.

A minha segunda família, Luzia, Ademir, Ednei, Valquíria, Emerson e Emanuelle por me acolherem com tanto amor e confiança.

Finalmente à minha namorada, Kamilla, pelo companheirismo, por me motivar a cada dia na busca pelos meus sonhos e por me fazer sentir todo o dia o homem mais sortudo do mundo.

A todos, um muitíssimo obrigado!

RESUMO

Objetivos: Analisar o perfil da automedicação entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, identificar os motivos que levam a esta prática, formas de aquisição de medicamentos, classes farmacológicas mais usadas e prevalência de reações adversas.

Metodologia: Estudo de corte transversal, realizado através de questionário anônimo auto aplicado, englobando 12 turmas do curso de medicina da UFSC, com 438 alunos matriculados. Realizado levantamento de dados de março a maio de 2011. Foram seguidos todos os procedimentos éticos previstos na legislação brasileira.

Resultados: Observamos que um grande número de alunos (94,51%) já fez uso de medicamentos sem prescrição médica. A classe de medicamentos mais utilizada pelos estudantes são os analgésicos e antitérmicos, usados por 81,29% dos estudantes, seguido de AINES usados por 52,66% dos estudantes. Aproximadamente metade dos estudantes (52,05%) já se baseou em receitas antigas. Mais da metade dos estudantes (53,32%) já se aconselhou com parentes acerca de medicação. A grande maioria dos estudantes (87,61%) ao final da automedicação considera o tratamento eficiente. Apenas 5,28% dos estudantes apresentaram alguma espécie de problema relacionado à automedicação, não sendo nenhuma grave.

Conclusões: É alto o índice de acadêmicos de medicina que realiza automedicação, porém encontra-se dentro dos parâmetros observados por outros estudos. Mesmo assim, por se tratarem de futuros profissionais da saúde, esperava-se um uso mais cauteloso e responsável.

Palavras Chave: Estudantes, Medicina, Automedicação.

SUMÁRIO

FALSAFOLHA DE ROSTO.....	1
FOLHA DE ROSTO.....	2
AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO.....	4
SUMÁRIO.....	5
1 INTRODUÇÃO.....	6
2 METODOLOGIA.....	7
3 RESULTADOS.....	8
4 DISCUSSÃO.....	10
5 CONCLUSÃO.....	12
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	13
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Fenômeno muito discutido na cultura médico-farmacêutica e tido como especialmente preocupante no Brasil, é a automedicação. A automedicação é uma conduta cuja iniciativa parte fundamentalmente de um doente, ou de seu responsável, em consumir um produto com a finalidade de tratamento de doenças ou alívio de sintomas⁶.

Considerando a automedicação como uma necessidade, e inclusive de função complementar aos sistemas de saúde, particularmente em países em desenvolvimento, já que ela contribui diretamente para reduzir a demanda na busca por estes serviços, muitas vezes excessiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou diretrizes para a avaliação dos medicamentos que poderiam ser empregados na forma de automedicação, chamados de “medicamentos de venda livre”. Segundo esse informe, tais medicamentos devem ser eficazes, confiáveis, seguros e de emprego fácil e cômodo.

Contrapondo-se a necessidade desta prática pela população, a automedicação inadequada, tal como a prescrição errônea, pode ter como consequência efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido. Partindo do princípio de que nenhuma substância farmacologicamente ativa é inócua ao organismo, a automedicação pode vir a ser prejudicial à saúde individual e coletiva. Os analgésicos, por exemplo, normalmente subestimados pela população no tocante aos riscos inerentes à sua administração, podem gerar seleção de bactérias resistentes, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, além de poder aumentar o risco para determinadas neoplasias e ainda mascarar a doença de base que, por sua vez poderá progredir⁸.

É evidente que o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde. Certamente a qualidade da oferta de medicamentos e a eficiência do trabalho das várias instâncias que controlam este mercado também exercem papel de grande relevância nos riscos implícitos na automedicação.

Existem estudos que concluem que os maiores adeptos da automedicação são aqueles que dispõem de um maior grau de informação. Demonstra-se que o acúmulo de conhecimento, seja ele, adquirido nas instituições educacionais ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam⁸.

O objetivo do presente trabalho é analisar o perfil da automedicação entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, identificar os motivos que levam a esta prática, formas de aquisição de medicamentos, classes farmacológicas mais usadas e prevalência de reações adversas.

MÉTODOS

Estudo de corte transversal, com levantamento de dados realizado de março a maio de 2011.

Foi realizado um censo composto por 12 turmas do curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, totalizando 438 alunos matriculados. Os alunos foram categorizados por semestres.

Utilizou-se questionário anônimo auto aplicado, com 20 questões, a maioria pré-codificadas. Os questionários foram aplicados coletivamente, em sala de aula, sem a presença do professor e recolhidos em urna lacrada. Para aplicar o questionário aos alunos que estavam ausentes, os entrevistadores retornaram às turmas em até duas ocasiões subsequentes. O envelope com os questionários da turma era levado nos retornos, permitindo que os alunos depositassem seu questionário em meio aos outros, garantindo assim o anonimato.

Para a análise dos dados utilizou-se o programa Stata SE 11.0. Não houve diferença significativa no número de alunos matriculados nas turmas, não sendo necessária ponderação amostral.

As estimativas fornecidas pela análise foram expressas como prevalência.

Foram seguidos todos os procedimentos éticos previstos na legislação brasileira, sendo que o projeto original foi aprovado no Comitê de Ética para Pesquisas com Seres humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, sob protocolo ético 123/2011.

RESULTADOS

Neste estudo observamos que a maior parte dos estudantes enquadra-se na faixa de idade entre 18 a 24 anos, 349/438 (79,68%). O sexo feminino, 234/437 (53,55%), supera o masculino, 203/437 (46,45%). A etnia branca, 369/436 (84,63%), ainda é maioria entre os estudantes de medicina da UFSC, porém, a etnia negra, 21/436 (4,82%), quase ausente em gerações anteriores, hoje possui uma expressão maior, refletindo talvez a política de cotas.

A religião católica, 244/437 (55,83%) aparece como a mais representativa. Chama a atenção o número de estudantes que adoeceram no período de 12 meses, 241/429 (56,17%). As afecções mais citadas foram gripe, 65/241 (26,97%) e faringoamigdalite, 49/241 (20,33%). Os questionários foram aplicados em todas as fases do curso de medicina, havendo maior índice de perdas nas fases referentes ao internato médico pela dificuldade em se localizar os acadêmicos.

Algo interessante, digno de relato, é o fato de que 146/436 (33,49%) dos estudantes não possuem plano de saúde, expondo-os a uma maior dificuldade no acesso à consulta médica, sendo a automedicação, muitas vezes, a solução mais viável. Fica evidente o grande percentual de estudantes de medicina que já fizeram uso de medicações sem prescrição médica, 413/437 (94,51%), mostrando o quanto é importante à discussão deste assunto que deixa a classe acadêmica tão exposta aos diversos tipos de eventos adversos.

Mais da metade dos estudantes, 233/437 (53,32%), já se aconselharam com parentes acerca de medicação e 142/436 (32,57%) aconselharam-se com amigos, lembrando que muitos dos amigos e parentes são profissionais da área da saúde. Aproximadamente metade dos estudantes, 228/438 (52,05%) já se basearam em receitas antigas. Sendo a ocorrência maior, 191/438 (43,61%), para receitas próprias e 37/438 (8,47%) para receitas de terceiros.

A grande maioria dos estudantes, 383/432 (87,84%) considera importante seguir as instruções da bula na prática da automedicação. Porém, chama a atenção, a cifra de 49/432 (11,24%) correspondendo ao número de estudantes que não consideram importante seguir as instruções da bula. Apenas 125/427 (29,27%) dos estudantes consideram possuir conhecimento suficiente sobre medicamentos que utilizam. É importante relatar que 385/426 (84,78%) dos estudantes não consideram suficiente ler a bula para se automedicar e 342/425 (80,47%) não consideraram a falta de tempo ou impossibilidade de ir ao médico como motivo para automedicar-se. A classe de medicamentos mais utilizada pelos estudantes são os analgésicos e antitérmicos, usados por 352/431 (81,29%) dos estudantes, seguido de AINES usados por 228/431 (52,66%) dos estudantes. Chama a atenção o uso importante de antibióticos sem prescrição médica, 131/433 (30,25%), mesmo sendo um medicamento de tarja vermelha com venda controlada e autorizada apenas com prescrição médica. Vale ressaltar também que 62/234 (26,49%) das mulheres usam ACO sem prescrição médica. A grande maioria dos estudantes, 375/428

(87,61%), ao final da automedicação considera o tratamento eficiente. Apenas 23/435 (5,28%) dos estudantes apresentaram alguma espécie de problema relacionado à automedicação, não sendo nenhuma grave. A grande maioria dos estudantes, 275/431 (63,81%), considera não possuir ainda todo o conhecimento suficiente para realização da automedicação adequadamente.

DISCUSSÃO

Estudos sobre a prevalência e os fatores associados à automedicação são raros no Brasil. Apesar ter sido um grande obstáculo na interpretação dos dados obtidos, este inconveniente foi um grande motivo para realização deste trabalho.

A automedicação é um ato que pode gerar sérios danos à saúde daquele que a pratica. Podendo causar efeitos adversos mesmo que sua administração seja correta. Por outro lado, o direito de aliviar o sofrimento não pode ser totalmente dependente da prescrição médica, pois cercearia a liberdade pessoal de busca por alívio da sintomatologia.

O predomínio de mulheres observado na amostra deste estudo, 234/437 (53,55%) reflete um conflito com relação às conclusões de outros estudos¹ que demonstram, de forma geral, uma participação feminina mais significativa em carreiras com menor prestígio. Contudo não é possível deixar de reconhecer que as mulheres estão, em certa medida, também se inserindo em carreiras antes de exclusivo domínio masculino.

Podemos observar que apesar de 33,49% dos estudantes não possuírem convênio, tornando-os mais expostos a prática da automedicação, esta porcentagem é significativamente menor quando se analisa a população em geral (48,20%)⁸, pode-se inferir, que essa maior cobertura por parte dos planos de saúde na população acadêmica do curso de medicina se dá, de uma maneira geral, pelo maior poder aquisitivo de suas famílias.

O grande percentual de alunos que praticam automedicação (94,51%) é discretamente superior ao encontrado em outros trabalhos^{6,7,8}. Estes dados mostram o quanto é alto o índice entre os acadêmicos de medicina que fazem uso da automedicação.

A utilização de receitas próprias antigas por parte de 43,61% dos estudantes e o fato de 29,27% dos estudantes considerarem possuir conhecimento suficiente sobre os medicamentos que utilizam no tocante à automedicação são dados confirmados pelo estudo de Vilarino⁸. Melo¹¹ afirmou em seu trabalho que dos 22.165 casos de intoxicações medicamentosas registradas por seis Centros de Controle de Intoxicações, 2.263 (10,21%) eram por medicamentos anódinos (dipirona, salicilatos e paracetamol). Frente a isso, chegamos a conclusão de que até os medicamentos de venda livre que as pessoas estão mais acostumadas a fazer uso e conhecem mais, não estão isentos de complicações. Pode-se inferir que esse conhecimento acerca dos medicamentos é adquirido através da propaganda em veículos de comunicação, internet, conversa com terceiros, experiências anteriores e em informações recebidas na sala de aula. Esse conceito é reforçado pelo dado de que 43,61% dos estudantes utilizam receitas próprias antigas. Esse resultado é semelhante ao estudo de Vilarino⁸. Por isso o médico acaba participando em muito do processo da automedicação mesmo que involuntariamente.

Observando os dados verificamos que a grande maioria dos estudantes, 87,84% considera importante seguir as instruções da bula do medicamento que irão ingerir. Esta cifra é confirmada

pelo estudo de José Antônio⁷. A bula é um importante veículo de informação, porém pode gerar no usuário uma falsa sensação de conhecimento sobre o remédio.

O uso importante de analgésicos (81,29%) e AINES (52,66%) pelos estudantes de medicina também foi visto em outros estudos. Esse é um fato comum tanto na automedicação praticada no Brasil como em outros países^{2,3,4,5,7,9,10,13}. Os antibióticos merecem uma atenção especial por serem citados por 30,25% dos estudantes como medicamentos já usados na prática da automedicação. O uso indiscriminado destes leva a seleção de cepas resistentes e efeitos adversos como náusea, cólicas intestinais, diarreia e erupções cutâneas¹¹.

Neste estudo 87,61% dos estudantes ao final da automedicação consideraram o tratamento eficiente. Este dado é confirmado e muito semelhante em outros estudos^{7,8}. Estes ainda constataam não haver diferença significativa entre as pessoas que utilizam medicação orientada por médico ou não. Isso poderia ser justificado pelo fato de que 50% a 80% dos pacientes que buscam atenção primária de saúde apresentam remissão do quadro sem necessidade de medicamento⁸.

O pequeno índice de efeitos adversos 5,28% é muito semelhante ao encontrado no estudo de José Antonio⁷. Os efeitos adversos mais citados foram reações alérgicas (18,56%), tontura (9,28%) e náusea (9,28%). Não foi citado nenhum evento adverso grave.

As razões pelas quais as pessoas se automedicam são inúmeras. A propaganda maciça da indústria farmacêutica contrapõe-se as pequenas campanhas que visam esclarecer os usuários quanto aos perigos da automedicação. Além disso, contribui ainda, o grande número de farmácias, a facilidade na busca de informações sobre medicamentos, o sofrimento causado pela manifestação dos sintomas, a limitação do poder prescritivo, a falta de fiscalização em relação à venda de remédios, entre outros.

O atendimento por um médico para a resolução de todos os problemas é socioeconomicamente inviável. Diante disso não se pode condenar totalmente o ato de se automedicar, por isso a ação mais apropriada seria com relação de divulgação de informações sobre os riscos de eventos adversos decorrentes do uso inadequado de medicamentos de venda livre. Parece haver uma tendência a maior aceitação da automedicação, porém deve-se estimular a procura do profissional médico, mostrando as vantagens de uma consulta e seus benefícios, frente à automedicação.

CONCLUSÃO

Concluimos que é alto o índice entre os acadêmicos de medicina que fazem uso da automedicação, porém encontra-se dentro dos parâmetros observados por outros estudos. Todavia, por se tratar de futuros profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo fosse menor e mais racionalizado. Mas, parece que é justamente esse maior conhecimento que os trás segurança, aumentando os índices de automedicação neste grupo. Frente aos resultados importantes apresentados neste estudo, se faz necessária a realização de mais estudos acerca do tema para maiores esclarecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. QUEIROZ, Delcele M. Mulheres Negras, Educação e Mercado de Trabalho. Bahia: Análise & Dados. Salvador: CEI, v. 3, n. 4, p.78-81.
2. BAÑOS, J.E. et al. La automedicación con analgésicos: estudio en el dolor odontológico. Med. Clín. Barc., 96: 248-51, 1991.
3. DELUCIA, R. et al. Consumo de medicamentos, bebidas alcoólicas e cigarros por operários de Cubatão. Rev. Assoc. Med. Bras., 33: 215-8, 1987.
4. MORATO, G.S.R. et al. Avaliação da automedicação em amostra da população de Florianópolis. ACM Arqs. Catarin. Med., 13: 107-9, 1984.
5. SIERRA, R.M. et al. Botiquines familiares: un estudio epidemiológico. Farmacoterapia, 3: 47-51, 1986.
6. ARRAIS, P. S. D. et al. Perfil da automedicação no Brasil. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 31, n. 1, 1997.
7. CHEHUEN NETO J.A.; SIRIMARCO M.T.; CHOI C.M.K.; BARRETO A.U., SOUZA J.B. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. HU Rev 2006;32(3):59-64.
8. VILARINO, J. F. et al. Perfil da automedicação em município do sul do Brasil. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 32, n. 1, 1998.
9. AQUINO, D.S.; BARROS, J.A.C.; SILVA, M.D.P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. Ciênc. saúde coletiva 2010, 15(5):2533-2538.
10. LOYOLA FILHO, A. I. de et al. Prevalência e fatores associados a automedicação: resultados do Projeto Bambuí. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 36, n. 1, 2002.
11. MELO, E. B. de; TEIXEIRA, J. J. V.; MANICA, G. C. More. Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, 2007.
12. GARZÓN A, JÁCOME F, JARAMILLO C. Automedicación em Estudiantes Universitarios. Pontificia Universidad del Ecuador, Centro Médico (PUCE) y Subcentro de Salud El Carmen.
13. MAGALDI L, ROCAFULL J. Farmacovigilancia y hábitos de consumo de medicamentos en los estudiantes de la Escuela de Enfermería de la Universidad Central de Venezuela. Rev Fac Med. 2004; 27(1): 74-8.

ANEXOS

Tabela 1: Perfil dos estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (n = 438), Florianópolis, Estado de Santa Catarina, 2011.

	Característica	n(%)
Idade	< 18 anos	7 (1,60)
	18 a 24 anos	349 (79,68)
	> 24 anos	82 (18,72)
Sexo	Feminino	234 (53,55)
	Masculino	203 (46,45)
Etnia	Branco	369 (84,63)
	Negro	21 (4,82)
	Pardo	29 (6,65)
	Nipônico	16 (3,67)
	Indígena	1 (0,23)
Religião	Católico	244 (55,83)
	Cristão não católico	77 (17,62)
	budista	2 (0,45)
	Espirita kardecista	29 (6,63)
	judeu	1 (0,22)
	muçulmano	1 (0,22)
	Religião afrobrasileira	2 (0,45)
	Ateus	9 (2,05)
	Sem religião	71 (16,24)
Adoeceu nos últimos 12 meses	Sim	241 (56,17)
	Não	188 (43,82)
Plano de Saúde	Sim	290 (66,51)
	Não	146 (33,49)
Fase	1	45 (10,27)
	2	41 (9,36)
	3	39 (8,90)
	4	39 (8,90)
	5	33 (7,53)
	6	44 (10,05)
	7	40 (9,13)
	8	43 (9,82)
	9	30 (6,85)
	10	20 (4,57)
	11	41 (9,36)
	12	23 (5,25)

Tabela 2: Perfil da automedicação entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (n = 438), Florianópolis, Estado de Santa Catarina, 2011.

Característica	n(%)
Uso de medicação sem prescrição médica	
Sim	413 (94,51)
Não	24 (5,49)
Aconselhou-se com terceiros acerca de medicação	
Não	81 (18,54)
Sim, parente	233 (53,32)
Sim, amigos	142 (32,57)
Sim, outros	59 (13,50)
Baseou-se em receitas antigas	
Sim, receitas minhas	191 (43,61)
Sim, receitas de terceiros	37 (8,47)
Não	214 (48,97)
Segue as instruções da bula	
Sim	383 (87,84)
Não	49 (11,24)
Motivo da automedicação	
Acredita possuir conhecimento suficiente	125 (29,27)
Indicação confiável e favorável	65 (15,22)
Considera suficiente ler a bula	41 (9,62)
Falta de tempo ou impossibilidade de ir ao médico	83 (19,53)
Somente para medicamentos leves	217 (50,82)
Classe de medicamentos usados sem prescrição médica	
ACO	62 (26,49)*
Analgésicos e antitérmicos	352 (81,29)
Antialérgicos	131 (30,25)
AINES	228 (52,66)
Antibióticos	131 (30,25)
Anti-histamínicos	68 (15,70)
Estimulantes	13 (3,00)
Outros	41 (9,47)
Frequência da automedicação	
Sempre que tem dor de qualquer intensidade	56 (13,18)
Sempre que tem dores leves	94 (22,17)
Sempre que não consegue se consultar com especialista	63 (14,82)
Apenas em último caso	222 (52,24)
Normalmente ao final da automedicação	
Considera tratamento eficiente	375 (87,61)
Procura atendimento com especialista	34 (7,94)
Considera tratamento ineficiente	19 (4,44)
Recomendaria medicamentos aos familiares	
Sim	257 (63,68)
Não	158 (36,32)
Apresentou algum problema relacionado à automedicação	
Sim	23 (5,28)
Não	413 (94,73)
Graduação proporcionou conhecimento satisfatório?	
Sim, considero satisfatório, e me considero capaz de ministrar automedicação sem que haja algum desconforto ou prejudicialidade	104 (24,13)
Não, creio que não sou capaz de proceder a automedicação de forma adequada, mesmo com todo o conhecimento que adquiri sobre medicamentos	48 (11,14)
Não, acredito não ter ainda todo o conhecimento suficiente para realização da automedicação adequadamente	275 (63,81)
Problemas relacionados a automedicação	
Reação alérgica	4 (17,39)
Tontura	2 (8,70)
Náusea	2 (8,70)
RGE	1 (4,35)
Sonolência	1 (4,35)
Perda de memória recente	1 (4,35)
Mal estar	1 (4,35)
Sinusite	1 (4,35)
Ineficácia	2 (8,70)

NORMAS ADOTADAS

Este trabalho foi realizado seguindo a normatização para trabalhos de conclusão do Curso de Graduação em Medicina, aprovada em reunião do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, em 27 de novembro de 2005.